



Religião, Festa e Sociedade

Religion, Feast and Society

Mauro Passos*

As contas do meu rosário
São balas de artilharia,
dá combate no inferno
enquanto rezo Ave Maria.

(Canto de Portugal encontrado no interior de Pernambuco)

Por ocasião do dia 13 de maio, tive a oportunidade de assistir a uma manifestação do Congado na comunidade do Pará dos Vilelas, município de Itaguara (MG). As pessoas seguiam o cortejo – crianças, jovens, homens e mulheres. A ruptura da rotina alterava a fisionomia daquele espaço. Mulheres, homens, jovens e crianças dançavam, tocavam instrumentos de caixa, reco-reco, tampinhas de pandeiro. Um verdadeiro espetáculo cobria o povoado, com a chegada do frio e do vento naquela manhã de maio. O primitivismo do conjunto e o eco das vozes agradaram-me sobremaneira, como também o espetáculo presidindo a ação. Alguns santos são reverenciados – São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. É a festa do povo com lembranças de uma liberdade longínqua. Suas origens espelham os feitos do trabalho em porfias contra o cativo, os senhores e os mandatários da terra. Ao invés dos gritos de dor ou de ordens para o trabalho, cantos

* Doutorado em Educação - Universitá Pontifícia Salesiana de Roma / Itália (1998). Atualmente é Professor do Mestrado em "Ciências da Religião" da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. atuação acadêmica e de pesquisa relaciona-se aos temas: cristianismo e política no Brasil, catolicismo popular brasileiro, cristianismo e educação no Brasil Republicano. País de origem: Brasil. E-mail: mauruspax@yahoo.com.br

superpostos invadem a alma e viajam nas recordações do tempo, com acordes dolentes e apaixonados¹. É a festa na rua. É a festa do povo.

A música guia os movimentos, exige destreza e força muscular. Apoia-se nos pés, no jogo dos quadris e em movimentos rápidos. São ternos telúricos que nos levam a aprofundar as raízes da vida, os caminhos passados e carregados de história. Imagens familiares são trazidas de volta e visitam os corações dos dançarinos no cruzamento de olhares com pessoas nas calçadas. São atores que carregam a história de uma geração, um povo e uma nação. A festa tem simultaneamente uma função social, pois permite aos atores e espectadores introjetar os valores e as normas da vida, como também partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários². A dança resgata cerimoniais de outros tempos e de terras distantes em busca de proteção. O escritor Câmara Cascudo nos lembra que nossa mitologia se estrutura, naturalmente, nas três fontes ou contribuições clássicas – o português, o indígena e o africano. Quanto à herança africana afirma: “A força de seus mitos era religiosa, pedindo cerimonial, ritos, danças, comidas protocolares, indumentária”³. A religião não era apenas um caminho para os escravos, era a ligação com a vida, a razão e a força de espírito na duração da existência.

No contato com as tradições populares, o catolicismo foi-se transformando e assumindo os códigos, as metáforas e a linguagem popular. Dor, alegria, esperança, anseios e festas foram compondo o dia-a-dia das expressões religiosas populares. Numa explosão de vozes e ritmos, a devoção popular acompanha o povo no itinerário da vida. Os sinais festivos espalham, enchem capelas e ruas e compõem os reinados os congos e congadas. As variações não têm fim e as combinações são inúmeras, segundo Jean Duvignaud: “a indústria produz, a utopia inventa”⁴. A festa do Congado, descrita anteriormente, representa a compreensão da experiência religiosa com lendas que se misturam à realidade.

A **Revista Horizonte** registra neste número a incursão da festa nas tradições religiosas. Há trabalhos que indicam normas, regras de vida, valores, formas de proteção, devoções, pedidos, agradecimentos ou / e formas de viver. O coração preserva lembranças e

¹ A propósito lembro a descrição de Jean de Léry sobre uma manifestação religiosa dos índios Tupinambás no interior do atual Estado do Rio de Janeiro, com também o registro de dois cantos tupis em sua obra LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1967, p. 179-181.

² Cf. DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 10-11.

³ CASCUDO, Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p. 59.

⁴ DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 53.

re-cordação, isto é, volta ao coração. A festa faz fluir e refluir lembranças, faz vibrar as cordas do coração. No “ilhamento” do ser humano, multiplica personagens, quer ser o lugar de onde falam (e se ouvem) outras vozes e onde se dramatiza a cena presente para passar o tempo nos emaranhados laços de um no outro. A festa (re)constrói modelos de humanidade, é uma troca de convivências.

O acervo cultural que cada pesquisador nos brinda com seu artigo ultrapassa o mero registro histórico, pois a festa é expressão de vida e reflexo da ação das pessoas. De acordo com Pierre Sanchis: “A festa é, sem dúvida, a única ocasião em que a comunidade experimenta um auto-domínio, um voltar a si própria para se articular livremente e assumir o seu ser e comportamento colectivos”⁵. Pôr em cena gestos, sabedorias, versos e memória é uma forma de evocar o próprio mistério da vida. Há uma conjunção solidária entre passado e presente

Em cada artigo, podemos perceber que a festa não parou, mudou de caminho. E sua trajetória continua a emocionar. Atitudes de suplência movem as vozes, preserva ritos, datas e acontecimentos. Horizontes de espera continuam a urdir os fatos e os feitos. O fio condutor de cada estudo é a busca do significado histórico da festa. Se perdermos a noção de sua procedência nos distanciamos de sua verdadeira natureza, o que possibilita o endosso de falsificações. Embora cada autor tenha construído seu texto, o diálogo se entrecruza entre eles numa temática singular e coletiva. No abrigo de tantas manifestações, a festa é a reitora do caminho. Margeada pela utopia, seus contornos habitam mistérios do humano e do divino, mesmo com tantos rótulos que ofuscam o mundo atual. A festa é uma grande costura que conserta a história, como afirma Volney Berkennbrock⁶. A semente da festa nos faz compreender o significado do tempo, dos encontros. Fertiliza os corpos para um coletivo reunificador, “dá combate” e faz brotar o vigor da esperança.

⁵ SANCHIS, Pierre. **Arraial** : festa de um povo. As romarias portuguesas. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.318.

⁶ Cf. BERKENNBROCK, Volney J. A festa nas religiões afro-brasileiras. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 191-221.